

6 Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo compreender como se configura a experiência de inserção de estudantes oriundos de pré-vestibulares comunitários e afrodescendentes no curso de graduação em Serviço Social dentro do universo da PUC-Rio, suas características, dificuldades, conquistas e desafios a partir do ponto de vista das professoras e dos/as alunos/as.

O trabalho realizado esteve marcado pela complexidade das questões acerca da relação entre educação e diversidade cultural, temática emergente no campo da educação, que vem sendo trabalhada mais especificamente na educação básica e foi enfatizada no ensino superior com a implementação das chamadas ações afirmativas. Neste sentido, teve como eixos fundamentais as contribuições de autores/as que abordam a temática e podem ser situados/as na chamada perspectiva crítica, ou seja, aquela que entende a educação multicultural como *“um princípio orientador de uma educação para a democracia em um mundo marcado pela globalização e o pluralismo cultural”* (Candau, 2002 a:81).

Nesta perspectiva, educadores/as e instituições de ensino, em seus diversos graus, são chamados a redimensionar suas propostas educativas, ressignificar seus currículos e práticas, de modo que *“a sensibilização para a diversidade cultural e para o desafio a estereótipos e preconceitos relacionados a gênero, raça, classe social, padrões culturais e outros”*(Canen, 1999:90), possa ser incorporada, positivamente, nos sistemas de ensino para que as diferentes “vozes” e manifestações culturais se façam presentes.

Acreditamos que os depoimentos apresentados nas entrevistas por si só já revelam com bastante clareza o trabalho que vem sendo realizado pelo Departamento de Serviço Social, bem como os seus limites, suas conquistas, suas dificuldades e, principalmente os desafios que precisam ser enfrentados a fim de se construir uma experiência que contemple cada vez mais as demandas que este grupo de estudantes trouxe para o curso em questão e também para a universidade como um todo.

No entanto, cabe retomar alguns aspectos apresentados nas entrevistas. Um primeiro aspecto refere-se ao caráter pioneiro da iniciativa da direção e de um grupo de professoras do Departamento de Serviço Social que, no início da década de noventa, desenvolvia atividades de capacitação junto a lideranças comunitárias da Baixada Fluminense e outras comunidades da periferia do Rio de Janeiro e, diante da conjuntura de crise vivenciada pela universidade e, particularmente, pelo Departamento de Serviço Social, apresentou à reitoria uma proposta que favorecesse o ingresso no curso de graduação em Serviço Social de pessoas oriundas de camadas populares e afrodescendentes.

A iniciativa do Departamento de Serviço Social abriu espaço para que a questão da pluralidade sócio-cultural adentrasse um campus universitário freqüentado por alunos/as oriundos/as de camadas sociais de maior poder aquisitivo e considerado entre os de maior prestígio do país.

A inserção desse grupo de estudantes ampliou-se e, hoje, alunos e alunas oriundos/as de segmentos populares e afrodescendentes encontram-se matriculados/as em diversos cursos da universidade. Apesar disso, muitos desafios precisam ser enfrentados. Consideramos que um dos maiores desafios para a universidade é que a questão da diversidade cultural seja discutida e aprofundada por *toda* a comunidade acadêmica. Ainda se pensa que algumas áreas, sobretudo das ciências humanas e sociais, é que são responsáveis por esta discussão. Não se pensa que as chamadas ciências “duras” tenham que pontuar e refletir sobre esta questão.

Wanderley (1991:76), entende que *“a universidade é parte de um contexto global inclusivo que a determina e que, dependendo de seu funcionamento e sentido, ela pode colaborar na manutenção ou na transformação da sociedade”*. A universidade brasileira está inserida em um contexto plural e trabalha para uma sociedade também plural, portanto, precisa incorporar esta questão porque forma profissionais chamados a ser agentes sociais e culturais neste contexto. Neste sentido, surgem algumas perguntas: qual tem sido a influência social da universidade? Qual é a formação de seus/as alunos/as? Que olhar eles/as têm sobre a realidade social e a diversidade étnico-cultural da sociedade brasileira?

Para Canen & Moreira (2001), a educação multicultural “*não abarca apenas o trabalho com grupos ou identidades marginalizadas*”; deve contribuir efetivamente “*para uma transformação social que abra espaço para a diversidade. Educação multicultural, portanto, é para todos*” (p.34).

Outro aspecto a ser ressaltado diz respeito à questão da permanência desses alunos e alunas na universidade. Como dissemos ao longo deste trabalho, as medidas sócio-econômicas implementadas têm viabilizado a presença desses estudantes na universidade, porém, tem sido insuficientes para favorecer sua plena inserção na vida acadêmica.

Como afirma Candau (2002b:14), as medidas de caráter sócio-econômico são privilegiadas, mas “*não incidem nas dimensões científica e pedagógica da vida universitária*”. Para a autora, estes alunos e alunas serão capazes de “*alcançar níveis de aprendizagem de qualidade acadêmica*” e se tornarão “*agentes sociais multiplicadores*” quando as medidas sócio-econômicas estiverem articuladas às medidas de caráter acadêmico com a finalidade de “*empoderar este grupo de estudantes tanto pessoal quanto coletivamente*”.

Para Sleeter e Grant (apud Canen & Moreira, 2001), a educação para o fortalecimento do poder significa,

fazer o estudante acreditar em sua capacidade para agir de modo efetivo. Demanda levar em conta muito seriamente as forças, as experiências, as estratégias e as metas dos grupos oprimidos. Demanda também ajudá-los a analisar e a compreender a estrutura social que os oprime e, ainda capacitá-los a alcançar seus propósitos com sucesso. Um bom rendimento acadêmico é, assim, visto como condição necessária para um processo efetivo de fortalecimento do poder dos membros de grupos oprimidos. (p.30)

Um terceiro e último aspecto refere-se às questões internas do curso no que tange aos conteúdos selecionados, às formas de avaliação, às práticas docentes, uma vez que, as professoras entrevistadas, em sua maioria, evidenciaram a dificuldade de lidar com um corpo discente “diferenciado”, sendo este um desafio a ser enfrentado pelo corpo docente.

Para Candau (2002b:12), “os professores universitários” têm dificuldade de lidar com a “*questão didático-pedagógica na perspectiva multi/intercultural e de romper uma representação uniforme do aluno/a*”.

Neste sentido, a contribuição da perspectiva multicultural em educação pode ser adequada e enriquecedora, uma vez que, esta abordagem procura problematizar os mecanismos que reforçam as relações de poder que constroem as diferenças, através de uma prática curricular “*multiculturalmente orientada*” que contribuirá para “*ilustrar conceitos e princípios com dados provenientes de culturas diversificadas, focalizar as diferenças como processos de construção, decodificar teorias e conceitos na perspectiva do outro, bem como desconstruir mensagens etnocêntricas, racistas e discriminatórias*” (Canen & Moreira, 2001.:32).

O que podemos concluir é que o tema do acesso de grupos social e culturalmente discriminados ao ensino superior trouxe para a universidade e para o campo da educação um conjunto de novas e instigantes questões que não podem mais ser desconsideradas pelas instituições de ensino superior brasileiras.